



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS  
PROPEAQ**

**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO. CAMPUS DO VALE

Salão UFRGS 2019  
CONHECIMENTO FORMACÃO INOVACÃO

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS  |
| <b>Ano</b>        | 2019   |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale - UFRGS   |
| <b>Título</b>     | O conflito em torno dos “500 Anos”: uma análise do movimento “Brasil Outros 500” no contexto das comemorações do V centenário do “descobrimento” do Brasil (1998-2000) |
| <b>Autor</b>      | PEDRO HENRIQUE BATISTELLA  |
| <b>Orientador</b> | FERNANDO FELIZARDO NICOLAZZI   |

Título: O conflito em torno dos “500 Anos”: uma análise do movimento “Brasil Outros 500” no contexto das comemorações do V centenário do “descobrimento” do Brasil (1998-2000)

Autor: Pedro Henrique Batistella

Orientador: Fernando Nicolazzi

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta pesquisa tem como tema os conflitos pela narrativa do “descobrimento” e da história nacional suscitadas no contexto das “Comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil” realizadas entre os anos de 1998 e 2000. O foco será dado às críticas realizadas pelo Movimento Brasil Outros 500 aos sentidos e interpretações oficiais do Estado brasileiro que embasaram tais comemorações nacionais. Há uma considerável bibliografia a respeito das bases ideológicas e políticas oficiais que sustentaram as atividades, eventos e celebrações em prol da comemoração do quicentenário do Brasil, ocorridas ao longo de quase dois anos. Se a intenção principal da comissão organizativa era “motivar a sociedade brasileira para as comemorações do V Centenário”, buscando com isso a coesão nacional, interesse que remete aos mecanismos de sustentação do Estado-Nação, o enfoque desta pesquisa constitui-se em pensar em torno das dissidências à narrativa oficial sobre a chegada dos portugueses na América e à história nacional sustentada pelo Estado brasileiro. Dialogando com o historiador Mario Rufer (2010), o interesse recai em verificar os elementos políticos e ideológicos que perpassam a disputa pelas narrativas do passado da nação, as quais se configuram em usos políticos do passado e se expressam na transmissão de determinada memória. Desse modo, o conceito de memória se constituiu como principal conceito que permeará a análise do problema proposto, tendo íntima aproximação com as noções de usos políticos e públicos do passado e temporalidade. Se a história brasileira é marcada pela desigualdade social e racial e pelo autoritarismo, a narrativa oficial do Estado, a qual buscou enfatizar o caráter harmônico da miscigenação de raças, a cordialidade do brasileiro e a natureza civilizatória da influencia portuguesa no Brasil, teve pouco sucesso entre os grupos historicamente subalternos – indígenas, negros e trabalhadores rurais despossuídos de terras. À vista disso, diferentes entidades e movimentos sociais indígenas, negros e de trabalhadores sem-terra organizaram o Movimento Brasil Outros 500 com objetivo comum de criticar e propor uma visão distinta da narrativa oficial do Estado. Através de manifestos, marchas e protestos realizados, principalmente no ano 2000, tal movimento buscou deslegitimar a narrativa oficial das celebrações, apontando para silenciamentos sobre o conflito, o autoritarismo e a violência que marcaram os quinhentos anos celebrados. A partir da leitura de documentos oficiais e pronunciamentos do presidente da República na época, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, em cerimônias relacionadas ao tema das comemorações, bem como dos manifestos lançados pelo Movimento Brasil Outros 500, percebe-se o estabelecimento do conflito entre a perspectiva oficial e a perspectiva subalterna. Desse modo, podem-se questionar quais sentidos, interpretações, valores e temporalidades do passado estão em choque nesse contexto das “celebrações dos 500 anos do Brasil”. Desse modo, pressupondo que ambos os atores efetuam usos políticos do passado no tempo presente pergunta-se: quais críticas o movimento Brasil Outros 500 dirigiu à narrativa do Estado? Quais modos de apropriação do tempo histórico estão em disputa nesse cenário? Como essa disputa pela memória dos “500 anos” reproduz conflitos do tempo presente?